



# Para Tadeu Jorge, a Unicamp é um modelo que deu certo

*Nono reitor na linha de sucessão do fundador Zeferino Vaz, José Tadeu Jorge analisa a trajetória da Universidade nos últimos 40 anos, dimensiona sua realidade atual e identifica os desafios que a instituição tem pela frente*

O reitor José Tadeu Jorge e, à direita, uma reunião do Conselho Universitário



EUSTÁQUIO GOMES  
eusta@unicamp.br

**Jornal da Unicamp — Quarenta anos redondos separam a Unicamp do lançamento de sua pedra fundamental. Como ex-aluno da Universidade e como um professor que passou por todos os estamentos de responsabilidade acadêmica e administrativa antes de ser guindado à posição de reitor, como vê a trajetória da Unicamp até aqui?**

**José Tadeu Jorge** — É a consagração de um modelo de universidade que demonstrou ser, ao longo destas quatro décadas, um modelo adequado, correto e não raro à frente de seu tempo. Um modelo que faz da intensidade da pesquisa um elemento de qualificação do ensino em todos os níveis, e que faz com que seus professores estejam sempre trabalhando na ponta do conhecimento, portanto em situação de transmitir esse conhecimento atualizado e de oferecer aos estudantes uma formação a mais completa possível. É um modelo em que os próprios estudantes, mergulhados num ambiente de geração do conhecimento, tendem a assimilar esses valores e a pautar sua vida acadêmica e profissional por eles. Como tudo isto já estava na base da estruturação da Unicamp, esses 40 anos mostram que o conceito era absolutamente correto, foi aprimorado ao longo do tempo, acompanhou criticamente a evolução dos acontecimentos e, hoje, explica muito da projeção qualitativa que a Unicamp tem dentro e fora do país.

**JU — De que maneira se deu essa evolução do modelo?**

**Tadeu** — A concepção de intensidade da pesquisa e de relação com a sociedade não é, naturalmente, a mesma de 40 anos atrás. Passou por transformações. Num determinado momento a pesquisa é intensificada com base na pós-graduação, num outro momento ela se intensifica com base na iniciação científica dos alunos de graduação. A entrada em cena das agências de fomento, a mudança de patamar dos investimentos em pesquisa a partir da dé-

cada de 70, tudo isso coincidiu com o modelo de universidade investigativa representado pela Unicamp. Por uma feliz coincidência, foi a partir do surgimento da Unicamp que a Fapesp começou a mudar de perfil e acrescentou a seus programas de bolsas o investimento cada vez maior na pesquisa tecnológica, com forte impacto positivo nas universidades e nos centros de pesquisa paulistas. No âmbito federal, várias ações importantes foram feitas desde então, das quais um exemplo recente é a criação dos fundos setoriais, que poderiam até funcionar melhor do que estão funcionando, mas cuja relevância não pode ser negada. O modelo Unicamp já trazia em si, desde o começo, o conceito e a prática da relação com a sociedade, mas era então algo mais simples e de aceitação nem sempre evidente no meio acadêmico. Hoje a relação com a sociedade é parte intrínseca da atividade acadêmica. A Unicamp teve o mérito de dissolver os preconceitos que cercavam essa relação, passando a cumprir uma tarefa social — na saúde, na cultura, na formação complementar e na transferência de tecnologia — que vai muito além do necessário para o cumprimento das finalidades educacionais da universidade. Tudo isso veio sendo construído ao longo do tempo, ampliando-se quando necessário e sofrendo sucessivas etapas de transformação e aprimoramento, mas nunca se distanciando do eixo central que é a formação dos jovens.

**JU — Em que a Unicamp se distingue, hoje, no cenário das instituições de ensino superior brasileiras?**

**Tadeu** — A meu ver, o que caracteriza a Unicamp no cenário das universidades brasileiras é a inovação, e inovação no sentido amplo. A Unicamp inovou muita coisa ao longo destes anos. Ela procurou sempre estar à frente dos fatos de maneira propositiva, avançando e abrindo caminhos. A criação do vestibular próprio em 1987, por exemplo, com seu modelo dissertativo que tornou anacrônico o famoso teste das cruzinhas, foi uma proposta inovadora que estabeleceu parâmetros para outras universidades e

agiu retroativamente sobre o ensino médio e os cursos preparatórios. Antes disso a Unicamp já trazia inovações de origem, como a concepção das engenharias, das exatas aplicadas e dos colégios técnicos como parte do projeto piloto, respondendo a uma forte demanda por mão-de-obra qualificada num momento de mudança dos modos de produção e do perfil industrial do país. A busca da relação com as empresas também tem várias ações que são inovadoras, como a criação pioneira do Escritório de Transferência de Tecnologia no começo da década de 90, mais tarde a implementação do Centro de Incentivo à Parceria Empresarial e, a partir de 2003, a síntese dessas experiências com a estruturação da Agência de Inovação, cujos resultados estão aí e são evidentes. Ainda nessa linha, não se pode esquecer do florescimento de mais de duas dezenas de empresas no nicho da Incubadora da Unicamp, nos últimos cinco anos. Ao mesmo tempo, nos últimos três anos a Unicamp adotou uma política consistente de atenção e apoio à propriedade intelectual, tornando-se rapidamente no maior patenteador nacional e, mais importante ainda, num efetivo licenciador de patentes e na transformação do produto acadêmico em benefício social. Ainda no plano da inovação, é preciso citar o exemplo recentíssimo de seu programa de ação afirmativa, o PAAIS, implantado em 2005 e que, fugindo à solução fácil da reserva de vagas por sistemas de cotas, soube fazer inclusão social sem depreciar o mérito acadêmico.

**JU — Além da capacidade de inovar, que fatores permitiram à Unicamp ser o que é hoje?**

**Tadeu** — As bases que acabo de mencionar são seguramente os principais fatores. Mas há algo que contribuiu para que esses fatores se conjugassem: é o fato de que, embora com características diferentes e linhas de ação nuançadas por individualidades, todas as gestões das reitorias da Unicamp respeitaram o modelo original, com enfoques distintos em uma área ou em outra, mas com prioridades que afinal se complementaram. Mesmo em tempos de

crise — e penso particularmente na crise de 1981 — as ações institucionais nunca deixaram de estar sintonizadas com o modelo de ensino qualificado pela pesquisa e pela extensão.

Além disso, eu diria que a Unicamp se distingue hoje, de um modo consistente, por ser uma importante fornecedora de formuladores de políticas públicas para o país. Não são muitas as universidades que fazem isso a partir da existência de escolas de pensamento em seu interior, e a Unicamp as tem. Creio que esse fenômeno, que condiz bem com a vocação da Unicamp para assumir tarefas sociais relevantes, é facilitado pela existência de mecanismos multi e interdisciplinares em sua estrutura acadêmica, gerando uma atmosfera favorável à discussão de questões múltiplas e também à formação de profissionais com o aporte de diferentes áreas do conhecimento. Essa atmosfera sempre resultou não apenas na formação, mas também na contratação de quadros qualificados. É natural que desses quadros emergam lideranças e técnicos de gabarito capazes de definir e executar políticas sociais de larga escala.

**JU — Mas certamente também há problemas, alguns deles possivelmente estruturais. O senhor apontaria alguns?**

**Tadeu** — Vários. Há, por exemplo, a pressão por vagas. Com o crescimento da população e o aumento da demanda que vem do ensino médio, cada vez mais pessoas buscam o ensino superior. Não podemos esquecer que, dada a história tardia da universidade brasileira, essa demanda reprimida vem de séculos. A pressão sobre a universidade pública neste início de século XXI é, portanto, considerável. No caso da Unicamp, isto veio crescendo ao longo destas quatro décadas e com maior intensidade a partir da autonomia, que é um marco extremamente positivo conquistado em 1989 pelas universidades estaduais paulistas. A Unicamp respondeu ao estatuto da autonomia, eu diria que em grau superlativo, com uma contrapartida de responsabilidade social que resultou num crescimento extraordinário de seus indicadores de qualidade. Os indicadores da Unicamp sempre

evoluíram bem, mas nos últimos dezesseis ou dezessete anos esse crescimento foi exponencial. Isso fez com que a universidade aumentasse em muito suas atividades, fruto sobretudo da expansão de vagas na graduação e na pós-graduação. Com a autonomia a universidade manteve as aposentadorias no seu próprio orçamento, sendo importante frisar que isso é positivo na medida em que a relação dos professores com a universidade não se esgota com a aposentadoria: eles continuam mantendo vínculos significativos com a instituição, produzindo e participando de todas as atividades acadêmicas. Mas do ponto de vista orçamentário isso criou uma questão que ainda precisa ser equacionada. Este é talvez o maior problema que a universidade terá que enfrentar nos próximos anos. No momento da autonomia a Unicamp tinha 2,5% de sua folha comprometida com o pagamento de aposentadorias; hoje esse comprometimento está acima de 20%. Como consequência, diminuíram os recursos necessários ao custeio. Embora a universidade tenha buscado suprir essa redução por outras fontes, com a captação de recursos extra-orçamentários para financiar, por exemplo, o atendimento à saúde, a pesquisa e a infra-estrutura, isso não tem sido suficiente. O problema ainda não chegou a seu grau máximo, devendo ainda crescer nos próximos anos e se estabilizar por volta de 26% de comprometimento. Naturalmente isso traz o problema da viabilidade da Unicamp com base no orçamento que tem hoje. Há a questão do fundo previdenciário do Estado, em discussão na Assembléia Legislativa, um assunto que estamos acompanhando de perto com o propósito institucional de preservar características que são importantes para a universidade, ou seja, a manutenção das aposentadorias com o máximo de vínculo possível com a instituição e, em paralelo, a preservação do poder de compra dos salários.

**JU — Zeferino Vaz preconizava universidades públicas com não mais de 15 mil alunos. Ele dizia que, indo além de 15 mil alunos, a universidade se tornaria ingo-**